

DEMÊNCIA DE ALZHEIMER: O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO DÊITICA NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Emanuelle de Souza Silva Almeida (UESB)

emanuellenanet@yahoo.com.br

Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)

nirvanafs@terra.com.br

Introdução

O envelhecimento é um processo inevitável aos seres vivos. Por conta disso, áreas de estudos como a gerontologia, geriatria, neuropsicologia têm procurado, cada vez mais, compreender os processos do envelhecimento. No Brasil, assim como outros países, a média de vida aumentou nos últimos anos, essa situação se deve ao fato de que ocorreram avanços na medicina e nas áreas terapêuticas, o desenvolvimento da farmacologia e a melhoria da saúde pública. Considerando o envelhecimento enquanto processo natural, existe um considerado declínio crescente das práticas funcionais do sujeito idoso (senescência).

Todavia, em circunstâncias normais, essas declinações não provocam grandes problemas. Segundo Lessa (1998), as principais doenças que acometem o idoso são: doenças cardiovasculares, hipertensão arterial, demências, diabetes. O autor salienta também que muitas vezes o idoso é afetado por vários dessas doenças ao mesmo tempo.

O termo demência vem do latim, *dementia*, de + *mentia*, que significa ausência de mente. Hoje em dia, em todo mundo, tem-se procurado dirigir um outro olhar para um conceito herdado do século XVIII, que associava esse termo a um estado terminal. Mesulam (2000, p. 233) define demência dentro de um novo construto: “Declínio cognitivo e/ou comportamental crônico e geralmente progressivo, que causa restrições graduais nas atividades da vida diária e que não pode ser explicado por modificações na consciência, na mobilidade ou no sensorio”.

Ainda que a incidência das demências aumente com avanço da idade, elas não são consideradas como algo normal ao envelhecimento, ao contrário, mesmo que as alterações nas funções cognitivas e o aumento dos sulcos do córtex sejam comuns no envelhecimento, elas se estabelecem como uma patologia que afeta o córtex cerebral e/ou suas conexões subcorticais. As demências são classificadas em vários tipos de acordo com o quadro clínico, a mais comum é a Demência de Alzheimer (DA), também existem a doença de Lewy, a doença de Parkinson, a demência vascular, dentre outros.

A DA é responsável por mais da metade das demências. Segundo Ballone (2004), existe em todo mundo cerca de 25 milhões de pessoas com DA, sendo a terceira causa de morte em países desenvolvidos. Nos estágios iniciais, são comuns dificuldades vinculadas à memória e linguagem, além de outras funções cognitivas. Ela tem como característica a perda progressiva da memória acompanhada do declínio nas demais funções cognitivas como a linguagem, sendo assim, atribui-se aos testes neuropsicológicos grandes responsabilidades na verificação desta função cognitiva.

Considerando a linguagem enquanto um lugar de constituição, uma atividade que ‘dá forma’ as experiências humanas, é precípuo refletirmos sobre a linguagem em funcionamento de um sujeito acometido pela DA, como lugar eminente para refletir sobre o que nos intriga: O sujeito com DA, em seu discurso cotidiano, consegue constituir-se enquanto sujeito da linguagem? Buscamos responder a essa questão, considerando a narrativa de história de vida enquanto método que possibilita o sujeito refletir sobre si mesmo e sobre o mundo, onde, por dificuldade à evocação de palavras, o sujeito com DA faz bastante uso de unidades dêiticas. Dessa forma, inferimos que

esses elementos não se configuram apenas numa categoria de palavras, mas como espaço onde os processos interativos se apresentam de maneira mais efetiva para produzir significados.

As unidades dêiticas são essenciais para compreender a importância do contexto numa situação linguística. Essas percepções ratificam as proposições de Bakhtin (1929) sobre a constituição do sujeito pela dinâmica do sistema linguístico. Em outras palavras, a referência dêitica sustenta o indivíduo em sua fala, configurando-o na enunciação, permitindo que este se constitua como sujeito da linguagem, justificando, assim, a referência dêitica enquanto base empírica para a realização deste trabalho.

Para refletirmos sobre essa temática, fizemos um estudo qualitativo, através de uma abordagem transversal, onde os dados coletados foram extraídos de recortes da narrativa da história de vida do sujeito MP, brasileiro, casado, 79 anos de idade, ex-operário e ex-pedreiro, que recebeu o diagnóstico de Demência de Alzheimer no ano de 2010.

Defendemos que é mister apontar neste estudo a dinâmica entre os estudos enunciativos e o funcionamento linguístico-discursivo do sujeito MP, através da narrativa de sua história de vida como mecanismo para constituir-se enquanto falante, através do uso da referência dêitica, por acreditar que esta se estabelece como elo entre o sujeito e o seu meio, para tanto, nos apoiamos em Benveniste (1995), Lahud (1979), Marcuschi (2007), Koch (2007), entre outros.

1. Dando ‘forma’ ao vivido

As várias situações interativas que o sujeito com DA participam em seu dia a dia nos permite entender é essencial considerarmos o papel do interlocutor e sua história de vida para que seja efetivada a significação do enunciado. Sendo assim, a concepção de linguagem adotada nesta pesquisa é bastante importante porque além de considerarmos seu caráter referencial, consideramos, sobretudo, sua natureza social e cognitiva.

Segundo Franchi (1977, p. 12), a linguagem é uma atividade constitutiva que se sustenta e é sustentada na interação social:

Concebemos assim a linguagem como um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção e retificação do ‘vivido’, que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo.

Esse autor não concebe a linguagem como espelho da realidade, mas enquanto ação. Dessa forma, entendemos a linguagem como trabalho daquele que atua sobre a própria linguagem. Conforme verificamos também em Benveniste (1974),

Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido. Assim, a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva. (BENVENISTE, 1974, p. 26)

A linguagem enquanto um sistema semiótico é dotada de significações para nós (enquanto sujeitos do discurso) como para os outros (enquanto interlocutores) no

momento da realização efetiva onde a experiência interior de um sujeito torna-se acessível a outro. (BENVENISTE, 1966)

Conforme afirma Morato (2000, p. 154), em suas pesquisas sobre o pensamento vygotskyano, “não há possibilidades integrais de conteúdos cognitivos ou domínio do pensamento fora da linguagem, nem possibilidades integrais de linguagem fora dos processos interativos humanos”. No tocante as conexões entre memória e linguagem, Cruz (2004) salienta que a linguagem verificada dá conta dos dados inerentes à memória, banindo assim a reciprocidade entre elas

Dessa forma, consideramos que uma reflexão enunciativa discursiva da linguagem nos apresenta base para compreender os mecanismos que vinculam a linguagem à memória considerando-os como dois sistemas semióticos distintos, porém imbricados. Posicionamo-nos no eixo da Linguística da Enunciação¹, por nos apresentar que a atividade languageira está associada a uma cadeia estimável de relações, tanto nos aspectos intersubjetivos como também entre o homem e seu espaço. Dessa maneira, objetivamos que as marcações dêiticas nos forneçam suporte para a compreensão do funcionamento desta manifestação discursiva, não somente numa atividade narrativa, mas, no caso de nosso estudo, numa atividade narrativa num contexto patológico, mas precisamente na Demência de Alzheimer.

Considerando o nosso intuito de debruçarmos sobre a teorização acerca da constituição do sujeito com DA através da linguagem por meio do processo de referenciação dêitica, é salutar discorrermos sobre a dêixis por considerá-la lugar de excelência em que os processos interativos se manifestam de forma mais efetiva, posto que as unidades dêiticas solicitam da circunstância interativa para atribuir-lhes significação.

Entendemos que não é uma tarefa fácil buscar uma categorização unívoca de uma categoria linguística, dada a complexidade que envolve o uso de certas palavras e sua multiplicidade de perspectivas que permite ser apresentadas numa tarefa descritiva.

A origem do termo dêixis é grega e coincide com a origem de seu uso na descrição gramatical grega. A relação desse termo com a linguagem figura-se estar precípuo na esfera etimológica, uma vez que a raiz (deik – dik) é corrente a várias palavras gregas e latinas, entre as quais está incluída a palavra dicere.

Para Bühler (1934), primeiro autor a conceituar a dêixis, as expressões dêiticas referem-se a um campo dêitico da linguagem, cujo origo (ponto zero) está vinculado naquele que fala, para esse autor as palavras dêiticas são vazias, solicitando pistas situacionais. Ele dispõe a distinção entre nomear e mostrar como dois meios elementares de significação linguística, sancionando a importância e especificidade da significação dêitica.

Segundo Benveniste (1974, p. 80), a “referência é parte integrante da enunciação” sendo constituída dentro de uma instância discursiva. Para ele, é bastante comum o uso de expressões como indicadores de subjetividade, índices da enunciação. Dessa forma, a referência configura-se como um jogo de formas, cujo papel é estabelecer entre locutor e a enunciação uma relação constante. O autor salienta que os dêiticos são expressões cuja referência tem sentido apenas na situação enunciativa, pois a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo ele mesmo como sujeito do discurso. Nessa conjectura, o eu do código está disponível a todos os falantes, onde falar é apropriar-se deste código, é organizar sua fala em torno do eu/aqui/agora. Nessa perspectiva, a dêixis é uma categoria essencial que possibilita a representação da subjetividade na linguagem, pois para ele os dêiticos só existem no

¹ Teoria Linguística postulada por Émile Benveniste na década de 60, responsável por marcar a presença do homem na língua.

momento em que um indivíduo toma para si esses elementos através da necessidade de se comunicar.

2. O sujeito referenciando

Refletir sobre as referências dêiticas em um terreno de instabilidade, como é o caso da DA, apresenta-nos conveniente ao passo em que possibilita revelar processos que talvez não estariam difusos em contextos não demenciais. Os elementos dêíticos são primazes para mostrar a importância de se perceber a proeminência do contexto ao qual está acontecendo a situação linguística. As unidades dêiticas, conforme vimos anteriormente, não se estabelecem como uma classe fechada de palavras, elas podem e devem ser qualificadas de acordo com seu funcionamento.

A dinâmica do processo de referenciação dêítica firma-se numa atividade que excede os aspectos linguísticos, ela busca junto à esfera enunciativa suporte para dar conta das significações. Tais processos são estabelecidos num *continuum* constituído pela linguagem, interação, cognição e pensamento. (MORATO, 2000)

Ao inclinarmos sobre o estudo da referenciação dêítica, direcionamo-nos à uma vertente sócio-cognitiva da linguagem, cedemos ao contexto de produção, por acreditar que diversos aspectos semiológicos são evocados para estabelecer a significação. Sabemos da riqueza dos processos referenciais, uma vez que eles abarcam muitas vezes gestos, expressões, entonações, estabelecendo um caminho para a significação. Desse modo, o sujeito com DA ainda que apresente uma linguagem esgarçada não deixa de se expressar por seus mecanismos referenciais.

É importante apontar que, ao observarmos um sujeito demenciado em produção de fala, o emprego da dêixis é bastante proeminente. Segundo Koch (2007), a construção de sentido está relacionada a um conjunto de fatores situacionais, cognitivos e socioculturais que, ao ser processado pelos interlocutores produzirá sentido, pois, para a autora, a condição de produção e os processos interativos entre os interlocutores são essenciais, uma vez que o texto falado possui estruturação própria que se efetiva através de situações sócio-cognitivas presentes durante a produção. Verificamos então que o sujeito com DA não é aquele que não sabe o que fala ou que fala pouco, mas um sujeito que fala de outra maneira procurando atribuir sentido ao que se fala.

Para Marcuschi (2007), a referenciação dêítica pertence ao campo demonstrativo sendo firmado ‘caso a caso’ por intermédio das relações opostas eu-tu, agora-depois, aqui-lá, que por sua vez serão firmados através das relações estabelecidas entre os interlocutores e seu espaço enunciativo.

Postulando que a língua como tal não tem uma semântica, já que é indeterminada e os sentidos são situados e interativamente construídos, devemos providenciar uma explicação dos processos de construção referencial. [...] Assim, se fosse querer para os dêíticos o mesmo procedimento referencial para os nomes, deveríamos ter para cada “aqui” e para cada “agora” ou “eu” um nome e com isso precisaríamos de tantos nomes quantos usos. (MARCUSCHI, 2007, p. 75-6)

A referenciação dêítica sustenta um lugar relevante nas reflexões intrínsecas ao contexto, pois ela é a forma mais evidente de que ambiente enunciativo é absorvido pela linguagem. Os elementos dêíticos, percebidos enquanto práticas interacionais assumem o papel de associar o enunciado à enunciação, no entanto, tais elementos não detêm significação por si só (HANKS, 2008)

São importantes as questões dêiticas nos estudos de Hanks (2008), uma vez que elas se vinculam às circunstâncias de uso no discurso, e são exatamente os

processos interativos que despertam interesse do autor. Abarcamos a perspectiva desse autor, uma vez que ele propõe que a referenciação dêitica seja tratada como um campo demonstrativo bastante complexo onde a escolha da unidade dêitica sinaliza para a elaboração do objeto e da circunstância de uso.

O campo dêitico fornece um espaço de posições e de tomada de posições com relação aos objetos e seus valores no campo social incorporado. Explorar o campo dêitico é, portanto, explorar um tipo especial de princípios no interior da fina estrutura da prática comunicativa, um princípio ao mesmo tempo individual e social, cognitivo e corporificado, emergente e durável, linguístico e não-linguístico. (HANKS, 2008, p. 26)

É possível verificar que as palavras não são estáveis, elas não possuem um significado preestabelecido, por isso, o discurso trás dentro de si uma gama de percepções que podem se relacionar entre si ou não, ou seja, a interação face a face é o contexto primordial para a socialização humana, de modo que se torna o lugar das análises inerentes a linguagem.

Ao refletirmos sobre o sujeito com DA em interação com outros sujeitos, é possível verificar que diversos sistemas constituem a significação. No entanto, para que esses sistemas sejam percebidos é primordial que os interlocutores possuam entre si conhecimentos de mundo compartilhados, onde tais conhecimentos constroem na interação objetos de discurso. Com isso, podemos concluir que a linguagem verbal se constitui num sistema que é estabelecido através das relações entre os sujeitos e entre o sujeito e seu espaço.

Verificamos a importância do outro e do contexto enunciativo na construção de sentido, Benveniste desenvolve sua teoria a cerca dos pronomes pessoais e das instâncias discursivas como índices de subjetividades. As preposições deste linguista partem de uma reflexão que apresenta o homem na língua, ou seja, um sujeito que fala e um sujeito que escuta, mostrando o papel do falante da linguagem na existência do homem, para ele a linguagem está na natureza humana, onde concebê-la enquanto instrumento é o mesmo que contrapor o homem e sua natureza.

Não atingimos o homem separado da linguagem e não vemos numa inventando-a . Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conhecer a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem.(BENVENISTE, 1974, p.285)

É mediante essa assertiva que se funda a subjetividade, não como uma experiência individual, mas como a continência do falante em se posicionar em quanto sujeito, nas palavras de Benveniste (1996): “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (p.287). Para ele, a subjetividade na linguagem é fomentada através da configuração da categoria de pessoa. Os indicadores de pessoa se estabelecem como os marcadores de subjetividade, ou seja, subjetividade e realidade estão implicadas ligando-se através da dêixis.

Por em vidência a sua relação com o eu definido-os: aqui e agora o delimitam a instancia espacial e temporal coextensiva e contemporânea da presente instância do discurso que contém eu. Essa série não se limita a aqui e agora e acrescida de grande número de termo simples ou complexo que procedem da mesma relação: hoje, ontem, amanhã, em três dias. (BENVENISTE, 1995, p.279)

O sujeito coloca a língua em funcionamento através de um ato individual de utilização e é de fato esse aspecto individual que nos permite refletir sobre a linguagem num contexto fora do habitual. Pois se um sujeito com problemas de cunho cognitivo

pressupõe uma forma única de se apresentar na linguagem, é indiscutível que essa forma revelará o próprio funcionamento linguístico-discursivo desde sujeito. Como afirma Benveniste (1996, p. 84), “a presença do locutor em sua enunciação faz com cada instância de discurso constitua um centro de referencia interna”, ou seja, o ato de fala e se posicionar enquanto sujeito vai se estabelecer num jogo de formas específicas utilizadas por este sujeito cujo papel é colocá-lo em relação constante e necessária com sua enunciação.

3. Uma amostragem: A referenciação dêitica na DA

Buscando entender o processo de referenciação dêitica na DA, tomemos como o dado transcrito da situação interativa ocorrida no dia vinte e cinco de abril de dois mil e doze. Ele foi transcrito seguindo o modelo de Análise de Conversação postulado por Marcuschi (1997) com algumas adaptações (conforme anexo 1).

Na transcrição abaixo, o senhor MP relata sobre sua vida e sobre o tempo em que morava na cidade de Jaguaquara, cidade em que morou e que fica a cerca de 56 km da cidade de Jequié, onde mora há 50 anos.

Quadro 1: Ali/lá em Jaguaquara

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações de condições do enunciado não verbal
1	MP	não' trabalhei com o finado Jonas' ali em Jaguaquara' você conhece?	Os interlocutores conversam numa varada da casa de MP	MP aponta para seu lado direito
2	InESSA	conheço' Jaguaquara é a terra da onça		
3	MP	a feira era ali' agora tá sendo lá embaixo		MP aponta novamente para seu lado direito
4	InESSA	ali onde?		Gesticula, ao perguntar
5	MP	era ali' agora tá lá lá lá (+) esqueci o nome do lugar onde tem a feira		Olhar perdido
6	InESSA	lá em Jaguaquara?		
7	MP	sim' mudou dali aquela feira' era muito apertada ali aquilo ali		Fecha as mãos

No decorrer da conversa, é possível perceber um problema de localização espacial, pois o senhor MP ora se posiciona como se ainda morasse em Jaguaquara, o que torna confuso o seu relato. No entanto, é possível estabelecer uma situação enunciativa, de modo que o senhor MP se posiciona como sujeito ao enunciar.

Observamos que os turnos 1 – *‘não’ trabalhei com o finado Jonas’ ali em Jaguaquara’ você conhece?’* - e 3 – *‘a feira era ali’ agora tá sendo lá embaixo’* - ao proferir o advérbio de lugar *ali*, MP refere a cidade de Jaguaquara com o objetivo de reforçar a localização, informando implicitamente que a referida localização não está

próxima das instâncias do discurso eu/tu. Trata-se então de uma localização próxima de outrem, ou seja, de algo/ alguém que não se apresenta na enunciação.

Tomando como referência básica o *eu*, MP ao enunciar o *ali* para localizar a cidade de Jaguaquara ele consegue apresentar-nos uma vizinhança espacial através de uma distância relativa a locutor e alocutário.

É importante salientar que as significações dêiticas apresentadas não se dão de forma exclusivamente verbal, a gestualidade acontece concomitante com a fala do enunciador, ou seja, os gestos apresentados ao proferir os turnos 7 e 9 ratificam as informações apresentadas. De modo que podemos coligir que é óbvia a importância dos gestos no processo enunciativo dos sujeitos com DA, pois a referência não verbal além de acompanhar, complementa a fala do enunciador, facilitando o seu entendimento.

No turno 5- *era ali' agora tá lá lá lá (+) esqueci o nome do lugar onde tem a feira -*, a situação não verbal já nos mostra a insegurança da fala de MP. Embora ele assinale em seu enunciado “*era ali agora tá*” marcando o tempo e o espaço em seu enunciado, favorecendo ao seu interlocutor a localização da referência, MP não dá continuidade a sua fala. Ele busca se ancorar na repetição como mecanismo de reorganização do enunciado e escolha do léxico, no entanto, ao constatar que não consegue ter acesso ao elemento que procura, o sujeito assume a sua dificuldade em relação a sua memória, ou seja, ele tem consciência da existência de um déficit de memória, no entanto, ele consegue se posicionar enquanto sujeito da linguagem.

No turno 7 - *sim' mudou dali aquela feira' era muito apertada ali aquilo ali -*, o ‘dali’ e ‘ali aquilo ali’ observados na fala de MP mesmo com certa estranheza na escuta podemos perceber que o *dali* (contração da preposição de com o advérbio de lugar *ali*) relaciona-se novamente a proximidade relacionada a uma não pessoa, ou seja, o *dali* informa uma localização de algo/alguém que não se constitui como instância do discurso.

No mesmo instante que é proferido o enunciado, o sujeito MP mais uma vez lança como recurso o próprio corpo, nesse caso as mãos, para ratificar a informação apresentada, fato que ao enunciar sua fala, utiliza de mecanismos não verbais para confirmar aquilo que diz, dando-lhe mais crédito.

Tal situação nos faz lembrar de Bakhtin (1929), quando ele afirma que toda enunciação humana, até mesmo a mais elementar deve ser concebida como algo estabelecido fora do indivíduo, considerando suas condições extra-orgânicas de seu mundo social. Dessa forma, é possível constatar que, num contexto patológico ou não, as inferências que acontecem numa interlocução estão relacionadas ao contexto sócio-cultural, pois todo enunciado é sempre dialógico, em outras palavras, todo enunciado é sempre um enunciado de alguém para alguém, se não acontecesse dessa forma, o diálogo seria uma ponte sem sustentação do outro lado, seria apenas um conjunto de monólogos. Nesta perspectiva, pensamos que a Teoria da Enunciação benvenistiana é bastante interessante não apenas como mecanismos para entender o funcionamento da linguagem do sujeito com DA, mas para refletir sobre a construção dos aspectos subjetivos² do sujeito.

Considerações Finais

² Nos termos de Benveniste (1966, p. 286), a subjetividade é concebida como ‘a capacidade do locutor para se propor como sujeito’, ou seja, a propriedade da subjetividade é determinada pela categoria de pessoa e seu status linguístico.

O que encontramos nessa situação interativa é que a construção de sentido se dá na relação com o outro através de recursos linguísticos. É na enunciação que MP interage com a pesquisadora e consegue atribuir significado a sua fala. Nesse recorte, verificamos que uma das formas mais representativa da subjetividade do homem na linguagem são as marcações dêiticas (cunhada pela orientação através do eu-aqui-agora) uma vez que elas se apresentam como uma ferramenta bastante eficaz de compensação relacionada à evocação de referentes, permitindo ao sujeito a capacidade de resignificar sua fala, possibilitando que seu interlocutor compreenda-o, ou seja, os elementos dêiticos somente existem no momento em que o indivíduo toma para si esses elementos através da necessidade de se posicionar enquanto sujeito falante.

A reflexão sobre constituição do sujeito na linguagem e pela linguagem deve ser orientada pela atividade linguística do falante, considerando as variáveis que abalizam as condições de produção, percebendo que a enunciação é uma situação única, pois em qualquer esfera enunciativa as condições de produção serão sempre irrepetíveis. Onde cada instância do discurso, institui-se como referência, de modo que através das negociações sócio-cognitivos o sentido é constituído.

A guisa de conclusão, inferimos que as vicissitudes linguísticas comum ao A guisa de conclusão, inferimos que as vicissitudes linguísticas comum ao processo de envelhecimento se apresentam também na fala do sujeito com DA. No entanto, nesse ‘continuum’ discursivo elas se revelam com maior frequência, ou seja, a marcação dêitica se manifesta com uma incidência maior no contexto com DA justificado pela degeneração do córtex cerebral, que além de provocar problemas na memória de forma agressiva, dificulta o acesso lexical, comprometendo o seu discurso.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1929.
- BALLONE GJ- *Depressão na Doença de Alzheimer*- in. PsiqWeb Psiquiatria Geral, Internet, 2004. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/site/>>. Acesso em: 03 fev. 2012.
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de Linguística geral I*. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- _____. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1996.
- BÜHLER, Karl. *The deictic field of language and deictic words*. In: R. J. JARVELLA e W. KLEIN (eds.) *Speech, place and action: studies in deixis and related topics*. New York: John Wiley and Sons, 1934.
- COUDRY M.I.. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- CRUZ, F. Miranda da. *Uma perspectiva enunciativa das relações entre linguagem e memória no campo da Neurolinguística*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/Unicamp, 2004.
- FRANCHI, C. *Linguagem – Atividade Constitutiva*. in *Almanaque*, 5. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- HANKS, W. F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. Tradução de Ana Christina Bentes, Marco Antônio Rosa Machado, Marcos Rogério Cintra e Renato C. Rezende. São Paulo: Cortez, 2008.
- KOCH, I.Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 9ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

- LAHUD, M. *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo: Ática, 1979.
- LESSA, I. *O adulto brasileiro e as doenças da modernidade: epidemiologia das doenças crônicas não-transmissíveis*. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1998.
- LINS, Osman. *Os gestos*. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Análise da Conversação*. 5. ed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1997.
- _____. *Da fala para a escrita: atividade de retextualização*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- MESULAM, M.-M. *Aging, Alzheimer's Disease, and Dementia: Clinical and Neurobiological Perspectives*. In: M.-M. Mesulam (ed.). *Principles of Behavioral and Cognitive Neurology*. 2^a ed. Oxford, Oxford University Press, pp. 439-522, 2000.
- MORATO, E. M. *Linguagem e Cognição – As reflexões de L.S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem*. São Paulo: Plexus, 1996.
- _____. *Neurolingüística*. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Ed.). *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. Ed. Cortez, 2001. V. 2.
- _____. *Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais*. In: KOCH, I.G.V.; MORATO, E.M.; BENTES, A. C. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1939.

Anexo 1

O quadro-modelo utilizado para as transcrições baseado no modelo da Análise de Conversação proposto por Marcuschi (1997) com adaptações para o Nurc.

OCORRÊNCIA	SINAIS
Indicação de falante	MP (sujeito) InESSA (pesquisadora)
Pausas	(+) para pausa pequena, (++) ou (2.5) para pausas maiores
‘ ’	Aspa simples, para uma subida leve, como uma vírgula
:	Dois pontos, indica alongamento vocálico
(...) ou /.../	Indica transcrição parcial ou de eliminação
?	Questão interrogativa
()	Trecho inteligível